

A necessidade de aproximar o Chile

por Maria Helena Tachinardi
de Buenos Aires

“O mundo atual já não permite mais sonhos de potências que embasam sua força militar em interesses de expansão. Isso está ultrapassado, já não existe. Hoje essa cooperação tem que ser garantida por um trabalho contínuo. Creio que o Brasil e a Argentina podem atuar mais fortemente no cenário internacional”, disse o presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), sinalizando como pretende conduzir as relações entre os dois países em seu governo.

A uma platéia de quinhentas pessoas, que o aplaudiu de pé, depois de 40 minutos de discurso improvisado em espanhol, no Hotel Alvear, num programa organizado pelo Centro Argentino de Relações Internacionais (Cari), o presidente eleito afirmou que as diferenças entre o Brasil e a Argentina serão solucionadas “de modo mais convergente” para uma atuação mais intensa dos dois países no cenário internacional. O próximo século, comentou, desafia a capacidade científica e tecnológica dos países, que não terão condições de manter suas economias e sociedades sem o desenvolvimento científico-tecnológico e cultural mais amplo. Ele entendeu que o comércio entre Brasil e Argentina, que poderá chegar a US\$ 10 bilhões em 1995, deve ser seguido de um esforço cultural no correspondente. “As convergências não se fazem so-

mente com base no desenvolvimento econômico, tem que haver afinidades eletivas que precisam ser cultivadas em razão de uma participação cultural comum, de uma visão que não pode ser do Estado, mas da sociedade.” Em sua opinião, os Estados devem facilitar o intercâmbio cultural, “mas a realidade contemporânea envolve vários canais da sociedade”, como as organizações não-governamentais (ONG). Reafirmou que quando assumir a presidência estará “sempre disposto” a aprofundar esse aspecto do relacionamento entre os dois países.

Cardoso enfatizou que “o Mercosul é um ponto fundamental para nós e para os interesses do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Paraguai” e que é preciso incluir o Chile no Mercosul para formar “um centro de gravidade no Cone Sul da América”, com o objetivo de aumentar as vantagens econômicas, “melhorar as condições de vida de nossos povos e, talvez, dar mais peso às decisões políticas internacionais”.

Em uma demonstração da importância da Argentina para a economia do Brasil, disse que as reformas econômicas realizadas nesse país o motivaram a levar adiante o seu plano de estabilização. Contou as dificuldades quando ministro da Fazenda: “O Brasil teve de manter a democracia em um momento de muita dificuldade econômica. Hoje todos querem a democracia”. Revelando que a sua princi-

pal dificuldade foi “motivar a equipe econômica” porque o governo era transitório e estavam em curso os trabalhos da comissão parlamentar de inquérito sobre corrupção na comissão de orça-

mento do Congresso. Cardoso explicou a sua eleição como fruto do apoio da sociedade “que se reconheceu em um caminho”: a estabilização conseguida com o Plano Real.